

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA EAD**

AMANDA CAROLINE SOMACAL

**LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO LEITORA:
DESAFIOS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**Tramandaí
2022**

AMANDA CAROLINE SOMACAL

**LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO LEITORA:
DESAFIOS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Comissão de Graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia EaD da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus Litoral Norte, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Profa. Dra. Gabriela Brabo

Tramandaí

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Somacal, Amanda Caroline
Letramento literário e formação leitora: desafios
na educação especial. / Amanda Caroline Somacal. --
2022.
41 f.
Orientador: Gabriela Brabo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Pedagogia, Tramandaí,
BR-RS, 2022.

1. Letramento literário. 2. Formação leitora. 3.
Educação especial. 4. Literatura. I. Brabo, Gabriela,
orient. II. Título.

AMANDA CAROLINE SOMACAL

**LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO LEITORA:
DESAFIOS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Comissão de Graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia EaD da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus Litoral Norte, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Profa. Dra. Gabriela Brabo

Data de aprovação:

Banca examinadora

Profa. Dra. Gabriela Maria Barbosa Brabo (orientadora) - UFRGS

Profa. Daniele Noal Gai

Profa. Dorcas Janice Weber

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me possibilitado chegar até aqui. Sem Ele com certeza não teria sido capaz de suportar a intensidade de emoções que uma graduação proporciona. Se fui forte é porque o tenho!

Agradeço aos meus familiares por confiarem em mim e me darem incentivo nos momentos em que pensei em desistir. Quando me senti cansada foi nos braços de vocês que tive alento, não só nesse momento, mas em todos até agora. Saber que vocês existem e que confiam no meu potencial faz uma grande diferença.

Aos poucos, mas incríveis, amigos que a vida me presenteou. Principalmente as colegas de graduação que ouviram minhas dores e participaram ativamente do processo de construção desse trabalho.

Aos alunos que passaram por mim até o momento. Vocês me mostraram que estou no lugar certo.

À minha orientadora Gabriela Brabo, pela orientação carinhosa e exigente que fez desse processo um momento muito leve e tranquilo. Obrigada por confiar no meu trabalho!

*Hoje, se me pergunto por que amo a Literatura,
a resposta que me vem espontaneamente à
cabeça é: porque ela me ajuda a viver.*

(Tzvetan Todorov)

RESUMO

Esta pesquisa teve como motivação reforçar a ideia de que pessoas com deficiência possuem o direito de estar em contato com as artes, mais especificamente com a literatura. A pergunta norteadora, ou seja, o motivo que fez com que essa pesquisa nascesse foi: “como transformar em leitores os alunos público-alvo da Educação Especial?”. A partir dessa pergunta, foram elaborados os objetivos, sendo eles: diferenciar as formas de leitura, considerando todas as maneiras de ser leitor; pesquisar diferentes recursos para ofertar uma formação leitora de qualidade; sugerir estratégias pedagógicas que incentivem a formação de um novo leitor; e contribuir para a pesquisa sobre o tema relativo à aquisição de leitura. O contexto é de uma instituição especializada em Educação Especial. Dessa forma, o objeto de pesquisa foi a formação leitora na Educação Especial. O *corpus* para a pesquisa foi constituído de cinco títulos que trazem a temática Literatura e Educação Especial, em pesquisas com recorte de tempo de 12 anos, de 2010 até os dias atuais. A partir das discussões trazidas por esses textos, outros autores foram acrescentados com a intenção de complementar teoricamente, como Paulo Freire (1989) com sua definição de leitura de mundo, Magda Soares (2002) que é referência quando o assunto é letramento e Rildo Cosson (2021) com seu trabalho sobre letramento literário. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica que buscou, nos textos já existentes, embasamento para a intenção de pesquisa. O resultado deste trabalho pode ser sintetizado como a defesa de uma docência que inclua todos os seus alunos, flexibilizando o currículo para poder atender de forma humana e empática todos os que passam por nossas salas de aula.

Palavras-chave: Letramento literário. Formação leitora. Educação Especial. Literatura.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	16
3 ESTADO DA ARTE.....	18
4 REVISÃO TEÓRICA	22
4.1 O SER LEITOR.....	24
4.2 LETRAMENTO LITERÁRIO	27
4.3 FORMAÇÃO LEITORA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	30
5 POSSIBILIDADES DE TRABALHO	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	39

APRESENTAÇÃO

Eu me chamo Amanda, tenho 27 anos, sou a filha mais nova do Idimar que é representante comercial há mais de 30 anos, e da Marinês que depois de três filhos criados, foi terminar os estudos e hoje é professora do município. Tenho dois irmãos mais velhos: o Rafael que é formado em História, mas não exerce, e o Vinícios que é vendedor, como o nosso pai.

Frequentei apenas três escolas na vida, e meus estágios foram realizados em duas delas. Tive a honra de dividir a mesa do lanche com a minha mãe na escola de Educação Infantil Pedacinho de Céu — que faz jus ao nome que tem — e com professores que tive nos anos iniciais, na escola 1º de Maio. As duas escolas ficam no bairro onde resido e sempre me receberam de forma afetuosa. E o Ensino Médio, cursei na única escola pública disponível, a Escola Carneiro de Campos.

Ingressei no curso de Letras em 2014 e hoje sei que fiz o curso pelo amor à literatura, nunca pela gramática, e pretendo expandir esse amor para o mestrado. Foram quatro anos insanos! Se eu precisasse fazer tudo novamente, não sei se teria fôlego. Finalizei o curso em 2018 e na mesma semana em que coleí grau, já prestei vestibular para Pedagogia.

No final da graduação em Letras, comecei a trabalhar no programa Primeira Infância Melhor (PIM), onde fiquei por três anos e meio (de 2017 até 2021). Foi uma experiência incrível, me fez repensar muito sobre a vida. O PIM, explicando brevemente, é um programa de atenção a crianças e gestantes. Minha função consistia em visitar as famílias em suas casas uma vez por semana e fazer uma atividade com elas por pelo menos 40 minutos. As atividades objetivavam desenvolver as crianças, além de estreitar os laços familiares.

Em 2019, iniciei um curso de Libras para ter um pouco de conhecimento na área. Minhas colegas eram todas professoras na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE e isso acendeu uma chama dentro de mim. E se eu trabalhasse na APAE? Será que eu seria uma boa professora para aqueles alunos? Será que eu me adaptaria? Fiquei inquieta com a ideia e decidi deixar um currículo na escola. Deixei o currículo em 2019, mas a escola estava de mudança para um novo prédio e logo depois começou a pandemia, o que atrasou tudo, mas como os planos de Deus

são perfeitos, em maio de 2021 fui chamada para uma entrevista, e comecei a trabalhar no dia 1º de junho.

É mágico trabalhar na APAE. Qualquer pequena conquista é festejada não só por mim, mas por toda a equipe. A escola é totalmente adaptada às necessidades das nossas crianças, temos profissionais incríveis, há um comprometimento muito grande e um amor real pelo que fazemos.

Não vou dizer que é fácil, porque realmente não é. É difícil planejar, é difícil aplicar. Dependendo da turma, você precisa planejar várias formas de fazer a mesma atividade e, muitas vezes, chega ao final do dia e parece que eles não absorveram nada, e isso frustra bastante. Mas quando entendemos que o percurso é tão importante quanto a chegada, o processo fica mais leve! É importante saber aproveitar e dar valor a esse caminho, deixar que as crianças explorem, descubram do que elas gostam e não gostam, percebam que elas conseguem fazer sozinhas, mas não estão sozinhas. A APAE e o PIM me deram muito, e agora eu sinto que preciso falar disso para as pessoas, preciso que as pessoas me ouçam.

Eu acredito no ensinar pelo afeto, ensinar mostrando que eles são capazes, são queridos, são amados. Não bajular, mas incentivar os pequenos passinhos, e dar apoio para que saibam que se eles falharem, está tudo bem, a gente tenta de novo outro dia.

Quando pensei no tema para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pensei em uma problemática real, do meu dia a dia, que é basicamente ouvir as crianças dizendo que não vão olhar um livrinho por “não saberem ler”. Então, como fazer para que essa criança se sinta parte, sinta que está avançando? Como ler, sem saber ler? Neste trabalho, eu junto duas das minhas paixões — a literatura e o ensino —, para poder ajudar mais uma paixão, a APAE.

1 INTRODUÇÃO

Entendo que ensinar é um ato de bondade e de amor, além de ser um ato político e social, mas pode também vir a ser um processo cansativo, cheio de altos e baixos. Um professor é formado por muitas noites mal dormidas, por incertezas e por pilhas e pilhas de papel.

Ensinar crianças é um processo muito delicado e difícil por si só, mas se aprofundarmos isso e falarmos sobre ensinar crianças com desenvolvimento atípico, ou seja, crianças que possuem alguma deficiência comprovada e, portanto, precisam de mais atenção, percebemos que nosso papel na sociedade é de uma responsabilidade muito grande. Precisamos estar prontos para os alunos que receberemos em nossas salas de aula, afinal nossas turmas não são homogêneas, pelo contrário, há muita variação dentro de uma sala. Sobre isso não há discussão, mas será que realmente conseguimos planejar aulas totalmente inclusivas?

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 existiam no Brasil aproximadamente 45 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência. Isso é cerca de 24% da população brasileira. Assim, é imprescindível que tenhamos políticas públicas voltadas para garantir os direitos dessas pessoas.

Existe no Brasil a Secretaria Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência. Dentre todos os afazeres dessa secretaria, existe o cadastro de inclusão que permite juntar informações a respeito dessas pessoas em um único sistema. A partir dos resultados desses cadastros, é possível definir que região precisa de mais atenção, e que tipo de atenção. São ações como essa que fazem com que pessoas com deficiência tenham mais acesso aos seus direitos básicos.

Observando o gráfico que descreve a porcentagem da população com deficiência, separando por tipo e por grau de dificuldade, percebe-se que a maior porcentagem está em pessoas que apresentam dificuldade visual, uma coisa muito comum, e que até nos passa despercebida no nosso dia a dia, mas sim, pessoas que possuem dificuldade visual são a grande maioria.

Segundo reportagem no site da CNN Brasil¹, outra questão muito delicada e que precisa ser discutida amplamente é a inclusão de pessoas com deficiência no

¹ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/noticias/brasil-tem-mais-de-17-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia-segundo-ibge/>>.

mercado de trabalho. Existe uma lei de cotas para pessoas com deficiência (PCD), promulgada em 1991, e que busca a inserção dessa parcela da população nos ambientes de trabalho formal. Essa lei, oficialmente chamada de Lei de Cotas (art. 93 da Lei nº 8.213/91), estabelece que uma parcela de cargos seja destinada a pessoas com deficiência. Por exemplo, se uma empresa conta com 100 a 200 empregados, deverá reservar 2% dessas vagas para PCDs.

Esse tipo de lei é importantíssimo, pois garante que essas pessoas sejam realmente inseridas no meio social, façam parte, conversem com pessoas, circulem por outros ambientes. Porém, outro dado levantado pela reportagem da CNN fala que quase 68% da população com deficiência não tem instrução ou possui o Ensino Fundamental incompleto.

Muito já se foi feito para que as pessoas com deficiência sejam incluídas na sociedade de forma justa e que se respeitem os direitos dessas pessoas, porém há muito ainda para ser feito. Como mencionado no parágrafo anterior, muitas PCDs não são alfabetizadas, ou seja, não são versadas no conhecimento das letras. No entanto, isso não faz delas pessoas totalmente analfabetas, já que hoje em dia é humanamente impossível viver em sociedade sem possuir uma leitura de mundo. Por exemplo, qualquer pessoa que more em uma cidade com *fast food* ou tenha acesso à internet e televisão sabe o que é McDonalds, reconhece seu símbolo sem ser letrada.

Na teoria de Ehri (1997), existem quatro modos de ler, sendo eles: predição, analogia, decodificação e reconhecimento automatizado. O exemplo usado aqui, sobre o McDonalds, trata-se de uma leitura feita a partir do reconhecimento automatizado, ou seja, quando um indivíduo vê a logomarca do *fast food*, ele automaticamente resgata a informação sobre o que é aquela logomarca, sobre o que ela significa. Isso não é ler propriamente, mas é ler a partir de pistas que já foram internalizadas, e só precisavam ser resgatadas.

Magda Soares (2002) entende que uma pessoa analfabeta é alguém marginalizado social e economicamente, mas por viver em meio à leitura e à escrita, ela é, de certa forma, letrada, porque faz uso do sistema da escrita, mesmo que não o faça sozinha. As letras e os números estão em seu meio, mesmo que ela não os entenda nem os decodifique completamente.

A escolha do tema aqui abordado foi motivada pela força da necessidade, já que as dúvidas surgem quando nos deparamos com o obstáculo bem de perto. Então, como ensinar o gosto pela leitura para crianças institucionalizadas que ainda não leem

e que talvez nunca o façam? Sabe-se, e já foi mencionado no texto acima, que leitura não é apenas ler palavras, mas também ler imagens, ouvir o que está sendo lido, inventar a própria história a partir das gravuras dos livros. Usando isso a nosso favor, como fazer nascer esse amor pelos livros?

O presente trabalho busca responder uma pergunta muito simples: como formar leitores com alunos público-alvo da Educação Especial? Como ensinar esse público a ler o mundo em que vivem, além de mergulharem de cabeça nas profundezas da imaginação, lugar onde os livros nos teletransportam quando abrimos suas páginas?

Ao fazermos um curso de licenciatura, possuímos algumas poucas disciplinas sobre o ensino de pessoas com deficiência. Esse pouco contato com o tema faz com que ao entrarmos em sala de aula e nos depararmos com uma criança que necessita de atenção redobrada, não saibamos o que fazer. Como prevê a Constituição Federal de 1988, é direito de toda criança receber uma educação de qualidade, que supra suas necessidades e seja pensada e planejada para essa criança, respeitando suas diferenças. Cada vez mais temos crianças que necessitam dessa atenção em nossas salas de aula, e é obrigação do professor estudar sobre, para poder ofertar o melhor.

Em 1994, durante a Conferência Mundial sobre Educação Especial, realizada em Salamanca, na Espanha, criou-se a Declaração de Salamanca de 1994, que é considerada um dos principais documentos mundiais sobre inclusão. O documento diz que “cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias” (1994). Cada criança deve ser respeitada, e as escolas devem se adequar para suprir as necessidades de cada aluno.

Além da garantia de uma educação de qualidade na rede regular de ensino, é importante destacarmos que muitos indivíduos apresentam certas condições que dificultam sua inclusão plena e/ou que necessitam de atenção redobrada, em outro turno, por exemplo. Para isso, existem as instituições especializadas que lutam pelos direitos das PCDs. Há muitas opiniões controversas sobre o que as instituições especializadas fazem por e para seus alunos, mas parto da ideia de que toda ajuda para a causa é bem-vinda, não importa de onde ela venha, importa que está beneficiando pessoas que precisam de visibilidade, precisam de cuidados.

Todas as pessoas possuem o direito de receber as melhores oportunidades, indiferentemente de suas condições econômicas, sociais e até mesmo físicas. Esse direito não pode ser violado. Precisamos ter ciência de que o melhor deve ser feito o

tempo todo, e não só em algumas situações. O que se percebe com frequência é que algumas instituições, sejam elas específicas para alunos com deficiência ou não, acabam fazendo o mínimo e, dessa forma, não incentivam seus alunos para que haja uma emancipação, para que eles alcem voos no que diz respeito à sua prática leitora e sua forma de ver e vivenciar o mundo. Em contrapartida, muitas instituições fazem o máximo para preparar esses indivíduos para a vida em sociedade. Aluno nenhum é ensinado para que fique apenas dentro das paredes da escola — pelo menos, não deveria —, todos devem ser estimulados a serem indivíduos autônomos.

A escolha do tema está relacionada à vivência desta pesquisadora em uma instituição especializada de Educação Especial, pesquisadora esta que vê grande necessidade de aprimorar as formas de ensinar a ler e ver o mundo, considerando sempre que essas pessoas que passam por nossas salas de aula são cidadãos que, logo menos, se forem devidamente auxiliadas, estarão trabalhando nos mais diversos ambientes de nossa sociedade.

É importante que ensinemos essas pessoas a viver neste mundo e tirar dele tudo o que há de melhor em experiências e em vivências. O aluno não é nosso para sempre, ele passará um curto período de tempo nos corredores das instituições e passará o resto de sua existência caminhando pelas calçadas, usando os serviços públicos, portanto é necessário que ele seja minimamente letrado.

O tema é de extrema importância, ainda mais por não existirem muitos trabalhos que tratem da temática. E reforçando a informação já trazida neste trabalho, em 2010, no Brasil, aproximadamente 24% da população possuíam algum tipo de deficiência. Se considerarmos que essa pesquisa foi realizada 12 anos atrás, podemos dizer que esse número cresceu e que há muito mais pessoas que necessitam de maiores atenções. Hoje, com o avanço da tecnologia, muito pode ser feito.

Portanto, espero que este estudo forneça subsídios para os que procuram respostas para suas perguntas sobre Educação Especial e formação leitora, buscando reforçar que toda criança tem capacidade de aprender, tudo dependerá do esforço do professor e das estratégias usadas.

O objetivo geral desta pesquisa, portanto, é investigar metodologias de ensino que possibilitem a aquisição do letramento literário e da formação leitora em instituições especializadas de Educação Especial. E os objetivos específicos são: diferenciar as mais diversas formas de leitura, considerando todas as maneiras de ser

leitor; pesquisar diferentes recursos para ofertar uma formação leitora de qualidade; sugerir estratégias pedagógicas que incentivem a formação de um novo leitor; e contribuir para a pesquisa sobre o tema relativo à aquisição de leitura em alunos público-alvo da Educação Especial.

A seguir, apresento a sequência de capítulos que serão descritos, a partir desta introdução. O segundo capítulo é o da metodologia em que há a explicação sobre a forma como a pesquisa foi conduzida, quais foram os meios utilizados para chegar aos resultados aqui apresentados. O terceiro capítulo se intitula estado da arte e traz detalhadamente os caminhos trilhados e os materiais pesquisados para comporem este trabalho, bem como os meios onde foram encontrados. No quarto capítulo, temos a revisão teórica que se divide em três subcapítulos, sendo eles: o ser leitor que fala um pouco sobre as formas de ler o mundo; o letramento literário que exemplifica as formas de letrar; e a formação leitora na Educação Especial. Na sequência, o quinto capítulo trata das contribuições da pesquisadora para a temática, buscando informações na parte bibliográfica e vislumbrando possibilidades a partir das experiências docentes. O sexto capítulo é de considerações finais, onde há o fechamento das ideias construídas ao longo dos capítulos anteriores.

2 METODOLOGIA

O objeto desta pesquisa consiste no letramento literário e a formação leitora na Educação Especial. A pergunta norteadora é a seguinte: como transformar em leitores os alunos público-alvo da Educação Especial?

Para tanto, ratifico os objetivos de pesquisa.

— Objetivo geral: investigar metodologias de ensino que possibilitem a aquisição do letramento literário e da formação leitora em instituições especializadas de Educação Especial.

— Objetivos específicos:

- Diferenciar as mais diversas formas de leitura, considerando todas as maneiras de ser leitor;
- Pesquisar diferentes recursos para ofertar uma formação leitora de qualidade;
- Sugerir estratégias pedagógicas que incentivem a formação de um novo leitor;
- Contribuir para a pesquisa sobre o tema relativo à aquisição de leitura em alunos público-alvo da Educação Especial.

Esta pesquisa teve abordagem qualitativa que, segundo Deslauriers (1991), é aquela onde o pesquisador é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de sua pesquisa, e o objetivo é produzir novas informações. Trata-se de uma pesquisa documental quanto aos procedimentos, que recorre a diversas fontes, como: revistas, jornais, relatórios, documentos oficiais, entre outros, com a intenção de coletar informações (FONSECA, 2002), e descritiva quanto aos objetivos, pois busca descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987).

O contexto da pesquisa é a instituição especializada, tomando como base a experiência desta pesquisadora na instituição APAE. Como instrumentos, foram feitos levantamento documental, revisão teórica e consulta a diários de anotações. Esses materiais foram encontrados tanto na internet, usando plataforma específica para pesquisa acadêmica, quanto em livros físicos sobre o tema.

Além disso, a pesquisa foi consolidada em documentos como a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases, com revisão teórica de autores como Paulo

Freire, Marina Silveira, Magda Soares, entre outros estudiosos que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto aqui estudado.

A análise das informações foi realizada a partir do método conceitual-analítico que busca observar e analisar as informações existentes sobre um determinado assunto, e para tal, foram utilizados conceitos e ideias de diversos autores, construindo ao final uma análise sobre o objeto.

3 ESTADO DA ARTE

Para realizar o seguinte trabalho, foi feito um levantamento de pesquisas que trabalham com a mesma temática aqui organizada. Inicialmente, utilizou-se para pesquisa o repositório digital LUME da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, focando nas palavras-chave: formação leitora, letramento literário e instituição especializada.

Constatou-se que havia pouco material que trouxessem informações sobre instituições especializadas, portanto foi necessário ampliar a pesquisa para a Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), Google Acadêmico e a Biblioteca Digital de Monografias da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, onde também não foi encontrada nenhuma pesquisa que se assemelhasse ao tema aqui estudado. Portanto, foi necessário alterar a última palavra-chave, usando agora “educação especial”. Trocar a palavra-chave abriu um leque de opções maiores, o que permitiu que fossem selecionados cinco trabalhos para compor este estado da arte.

Em um primeiro momento, encontraram-se poucas pesquisas falando sobre letramento e alfabetização voltados para pessoas com deficiência intelectual e, principalmente, em instituições especializadas. Os trabalhos escolhidos foram selecionados a partir de uma pesquisa aprofundada de cada palavra-chave, tudo foi realizado de forma minuciosa com a intenção de selecionar os melhores conteúdos possíveis para o tema.

O Repositório LUME foi o local onde mais se encontrou material de possível uso, tendo sido selecionados quatro textos, entre trabalhos de conclusão de graduação, tese e dissertação, todos de pesquisadores da área da Educação. Já na Biblioteca Digital de Monografias da UFMA, encontrou-se um trabalho sobre a literatura no contexto da Educação Especial, único trabalho encontrado que fala de dois conteúdos da pesquisa que aqui foi desenvolvida.

A partir desse levantamento, foi possível selecionar estudos que se assemelham na forma de pensar e que engrandecerão o referencial teórico desta pesquisa. O recorte temporal foi de 12 anos, iniciando em 2010 até o presente momento, e o critério utilizado foi o da pesquisa em si. Assim sendo, a pesquisa datada de 2010 foi a primeira pesquisa encontrada. Decidiu-se, então, que esse seria o limite temporal. Dentre os pesquisados, foram selecionados os títulos:

Quadro 1: Levantamento de pesquisas realizadas sobre o tema

ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO DE PESQUISA	REPOSITÓRIO
2010	LIMA, Regina da Silva	Letramento literário e visual: narrativas orais infantis através da leitura de imagens	Trabalho de conclusão de graduação	Lume UFRGS
2013	NUNES, Marília Forgearini	Leitura mediada do livro de imagem no ensino fundamental: letramento visual, interação e sentido	Tese	Lume UFRGS
2014	SCHERER, Larissa Costa Beber	Se um professor-leitor-viajante: uma experiência em formação de professores no contexto da inclusão escolar	Dissertação	Lume UFRGS
2018	CYRINO, Lucas Antônio de Carvalho	Navegando na leitura, entre o mundo e a palavra	Dissertação	Lume UFRGS
2019	GUIMARÃES, Alzineide Costa	Literatura e educação especial: a formação do escritor/leitor deficiente	Trabalho de conclusão de graduação	Biblioteca Digital de Monografias UFMA

Fonte: a própria autora.

O tema escolhido por Regina da Silva Lima, até então acadêmica do curso de Pedagogia no ano de 2010, foi o letramento literário e visual. Lima escolheu para título de seu trabalho “Letramento literário e visual: narrativas orais infantis através da leitura de imagens”. Usou, para apoiar sua pesquisa, autores como Brian Street, Maria Cecília Perroni e Graça Lima. O estudo é de cunho qualitativo e foi realizado com alunos do estágio de docência. A autora buscou, a partir do seu trabalho, compreender e refletir sobre a apropriação das estruturas narrativas nas crianças, principalmente quando essas são solicitadas a realizarem um reconto.

Em 2013, a pesquisadora Marília Forgearini Nunes defendeu sua tese de doutorado de título “Leitura mediada do livro de imagem no Ensino Fundamental: letramento visual, interação e sentido”. Sua linha de pesquisa foi: Educação, Arte, Linguagem e Tecnologia. Para a realização de seu estudo, Nunes escolheu três livros, de imagens e realização de leitura mediada deles com professores e, na sequência com alunos. Nunes diz que com seu trabalho, busca “propor a leitura mediada do livro de imagem no Ensino Fundamental, compreendendo-a como prática de interação e sentido que auxilia no letramento visual” (p. 8).

O trabalho de Nunes discute a leitura dos textos imagéticos que compõem os livros de imagem da literatura infantil, usando para tal as perspectivas educacionais e semiótica visual. A intenção, segunda a autora, foi apresentar a imagem como objeto de significação (p. 23).

“Se um professor-leitor-viajante: uma experiência em formação de professores no contexto da inclusão escolar” foi o título dado pela pesquisadora Larissa Costa Beber Scherer para sua dissertação, em 2014. A pesquisadora fala sobre a formação continuada de professores no contexto da inclusão escolar. O trabalho contempla o diálogo entre a Educação Especial e a Psicanálise, além das ideias do pesquisador em leitura Roland Barthes e do pesquisador em literatura Italo Calvino. O objetivo da pesquisa foi refletir sobre a inclusão escolar como possibilidade de reconhecimento e de pertencimento. O trabalho foi organizado em quatro partes, sendo elas: a primeira são os roteiros de uma viagem; a segunda chama-se “do nada ao vazio, tempos e posições de leitura”; a terceira parte tem o nome “estação das leituras”; e a quarta e última, “por que não se conclui...”.

Lucas Antônio de Carvalho Cyrino, em 2018, realizou sua dissertação do mestrado com o título “Navegando na leitura, entre o mundo e a palavra”, onde propõe uma análise do comportamento dos leitores em seu ato de ler. Cyrino parte da ideia de que quando o leitor emerge nas águas das leituras, ele é transformado, pois passa a ver as coisas com novos olhos. O objetivo de Cyrino foi o de “tecer reflexões acerca da leitura e da relação do leitor com o texto de literatura” (p. 9), ou seja, ele buscou descobrir em seu texto o que significa exatamente a frase “formar leitores”.

A pesquisa de Cyrino foi organizada em quatro etapas, em que o pesquisador mapeou os comportamentos dos leitores, trouxe o conceito de leitura usando Paulo Freire como embasamento, analisou os efeitos da leitura e finalizou falando sobre os variados suportes de leitura (impresso e digital). Foram utilizados autores como: Paulo Freire, Walter Benjamin, Wolfgang Iser, Georges Gusdorf, Émile Benveniste, entre outros.

“Literatura e Educação Especial: a formação do escritor/leitor deficiente” é de autoria de Alzineide Costa Guimarães, da UFMA. O trabalho defendido em 2019 trata sobre a formação do leitor e do escritor deficiente, além de buscar a existência ou não de recursos para o trabalho de formação leitora no ambiente escolar, em salas de aula com alunos com deficiência, em um dado bairro da cidade de Codó-MA. O objetivo principal da pesquisa foi discutir sobre as contribuições positivas que a literatura oferta

aos alunos com deficiência, além de ressaltar a importância da presença da literatura como recurso didático.

Cada trabalho até aqui mencionado conversa com a minha intenção de pesquisa, que consistiu, basicamente, em encontrar meios e aparatos para ofertar um ensino de qualidade no que diz respeito à formação leitora de jovens em contextos de instituições especializadas.

Antonio Candido, em seu texto “O direito à literatura” (2004), comenta que as pessoas afirmam que todos possuem direitos, principalmente os fundamentais como casa, comida e saúde, mas se esquecem de que todos também possuem o direito a ler Dostoievski ou ouvir Beethoven (p. 172). Pouco se fala sobre o direito à cultura.

Independentemente de nossas condições sociais e até mesmo físicas, todos nós merecemos ter contato com a cultura que é algo tão engrandecedor para a vida e para a alma. Eu, como professora e leitora, sou testemunha dos benefícios que a literatura traz para a vida de uma pessoa e quero, na minha trajetória docente, poder apresentar esse mundo e dividir esse amor que desde criança cresce em meu peito, com meus alunos.

4 REVISÃO TEÓRICA

A Constituição Federal de 1988, no artigo 205, define que a Educação é um direito de todos e dever do Estado e da família. Ou seja, toda e qualquer pessoa tem o direito de estudar, independentemente de qualquer condição. Na Declaração Mundial sobre Educação Para Todos, de 1990, o artigo 3º fala sobre universalizar o acesso à educação e promover a equidade, reforçando o que já havia sido dito na Constituição Federal. A partir disso, sendo o Brasil signatário de tal documento, a não garantia à educação torna-se uma violação dos direitos básicos de uma pessoa, constituindo-se em crime.

Conforme lembra Arlete Miranda em seu artigo intitulado “História, deficiência e educação especial” (2004), os serviços especializados, mesmo que garantidos por lei, estão muito longe de serem alcançados em sua plenitude, pois percebe-se dentro da escola uma enorme carência de recursos pedagógicos, até mesmo de formação adequada para os profissionais responsáveis. Muito já foi feito, mas muito ainda precisa acontecer para que seja possível afirmarmos que a inclusão de crianças com deficiência é totalmente adequada. O importante é que estamos no caminho e que não nos desviemos dele.

Apesar da existência da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), criada em 2015, as barreiras que excluem as PCDs ainda existem, sendo elas: físicas ou arquitetônicas, comunicacionais, sociais e atitudinais. De fato, a lei ainda é muito recente, mas se mesmo com uma lei ainda vemos muito descaso e despreparo, imaginemos como eram as coisas antes de 2015. Pessoas com deficiência não passaram a existir no ano em que a lei foi aprovada. Antes disso, qual era o cuidado que se tinha? E falando em âmbito escolar, nossas escolas agora possuem total condição de receber um aluno com deficiência?

Quando se fala em currículo, é importante lembrar que:

A Educação Especial deve seguir os mesmos requisitos curriculares da educação regular, com adaptações que não minimizem conteúdos ou procedimentos. Isso significa que não devemos facilitar, diminuir ou excluir conteúdos da Base Nacional Comum e seus processos, e sim, adaptá-los às diferentes necessidades (COSTA, 2018, p. 102).

Portanto, quando pensamos nos conteúdos a serem ofertados para as crianças com deficiência, é importante lembrarmos que tudo deve ser flexibilizado, mas não excluído ou facilitado. Existem diversas formas de se passar o mesmo conhecimento. Para um aluno que não é alfabetizado, por exemplo, pode-se usar uma música, um vídeo ou gravuras. O importante é fazer com que esse aluno faça parte do processo, interaja e não apenas fique ali na sala porque precisa ficar.

Quando falamos em alunos não alfabetizados, o trabalho é redobrado, já que o aluno dependerá da professora em muitos momentos da aula. Diversificar os materiais é uma forma de dar independência para essa criança, de mostrar que ela também faz parte e que está sendo respeitada nas suas individualidades. Não é um processo fácil, mas também não é impossível.

A Convenção Internacional sobre os Direitos das pessoas com Deficiência, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 13 de dezembro de 2006, e promulgada pelo Brasil em 25 de agosto de 2009, define em seu artigo 2º que discriminação por motivo de deficiência é:

[...] qualquer diferenciação, exclusão ou restrição baseada em deficiência, com o propósito ou efeito de impedir ou impossibilitar o reconhecimento, o desfrute ou o exercício, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais nos âmbitos político, econômico, social, cultural, civil ou qualquer outro. Abrange todas as formas de discriminação, inclusive a recusa de adaptação razoável (ONU, 2006).

Sendo assim, compreende-se que discriminar uma pessoa com deficiência é muito mais do que tratar de forma pejorativa; discriminar é também negar acessibilidade, impedir que essa pessoa desfrute de um serviço público de qualidade, com profissionais competentes e comprometidos que possam oferecer o melhor atendimento possível.

Usando as escolas como exemplo, discriminar é não oferecer um monitor para trabalhar com uma criança com deficiência, tanto em sala de aula quanto no transporte escolar; é não incluir essa criança no planejamento, deixando-a de fora de atividades como educação física. Discriminação são também os olhares, os silêncios, as brincadeiras zombeteiras e os apelidos, ou seja, o capacitismo em geral.

4.1 O SER LEITOR

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza.

(ANTONIO CANDIDO, 2004)

Constituir-se leitor é um trabalho árduo, requer tempo e dedicação, já que nos faz parar o que estamos fazendo para focar em um mundo que, muitas vezes, é totalmente utópico. Mas enquanto folheamos aquele livro ou enquanto ouvimos aquela história, não há distinção entre o real e o irreal, pois não há o interesse em tê-lo, já que estamos mergulhando em um mundo onde as regras são escassas e até mesmo moldadas conforme nossas necessidades. Ser leitor é ser flexível, é aceitar o que o autor está lhe dando, sem questionamentos, e apenas desfrutar.

Quando pensamos em literatura, imediatamente nos vem à mente a imagem de uma biblioteca com muitos livros, páginas e mais páginas cheias de palavras. Porém, o que nos esquecemos é de que as maneiras de contar e de ouvir história mudou muito, e só mudou porque o mundo mudou. Então, tudo precisou ser reorganizado, repensado, adaptado para essa nova realidade. O que antes era contado sob a luz de uma fogueira e envolvia muitos ouvidos atentos, hoje pode ser consumido individualmente usando um celular e fones de ouvido.

Houve uma mudança na forma de consumir histórias, e até mesmo as histórias mudaram, mas o que não mudou é a paixão e o prazer que um leitor sente quando é envolvido pelas palavras, quando é embalado pela melodia de uma história bem contada. Todos têm o direito de usufruir desse bem cultural, todos têm o direito de serem agraciados com uma viagem tranquila para o mundo da fantasia.

Já dizia Freire (1983) que a leitura do mundo existe antes da leitura da palavra, e essa leitura de mundo implica diretamente na leitura das palavras. Mais do que isso, ler é um ato político, pois é a partir desse contato com as leituras que a pessoa vai ampliando seus conhecimentos, quebrando tabus e conhecendo mais sobre as coisas de que pouco tinha conhecimento.

Nas palavras de Zilberman (2001, p. 38), a leitura vai “capacitando o ser humano a pensar e agir com liberdade” e, dessa forma, ajuda a construir seres humanos pensantes e questionadores. Cyrino (2018), em seu estudo intitulado “Navegando na leitura, entre o mundo e a palavra”, fala da importância do leitor

enquanto ser pensante e capaz de mergulhar nas mais profundas águas da imaginação, mas fala também sobre a importância da leitura enquanto formadora de um ser autônomo, capaz de viver e participar ativamente da sociedade sem grandes perdas.

Cyrino (2018) diz ainda que “[...] a privação da autonomia que lhe impele o status iletrado, residente no simples fato de ser incapaz de decifrar o letreiro do ônibus, impede-o de participar plenamente da vida em sociedade” (p. 68). Essa constatação reforça o que Freire já dizia a respeito de o ato de ler ser político.

Na medida em que o leitor amplia seu vocabulário e estimula sua imaginação enquanto lê, ele também vivencia uma visão de mundo diferente da que ele está inserido, já que “a experiência da leitura logra libertá-lo das opressões e dos dilemas de sua práxis de vida, na medida em que o obriga a uma nova percepção das coisas” (JAUSS, 1994, p. 52).

Ao ser tirado do que lhe é familiar e confortável, o leitor é obrigado a criar uma nova forma de ver e de entender. Ele precisa se reposicionar, precisa entender que está agora presencialmente em seu ambiente físico, mas está também experienciando um mundo diferente, em um tempo diferente, onde o espaço é expandido e, portanto, é cobrado dele que se adeque. E tudo isso só funciona se ele for capaz de se desprender do aqui e do agora e permitir que sua imaginação crie os cenários que estão sendo narrados.

Além desse leitor ouvinte que usa de uma terceira pessoa para ouvir histórias, temos também o leitor visual que é aquele que mesmo sem conhecer a história, ao pegar um livro e folheá-lo, é capaz de inferir significados ao que está vendo e, conseqüentemente, inventar sua própria narrativa. Esse leitor usa totalmente de sua imaginação e de seu entendimento do que é e como é formada uma história para construir a sua. É valioso que percebamos que esse momento é importantíssimo, pois o leitor usa de seus conhecimentos de mundo para decidir quais serão os nomes dos personagens, onde a história se passa e o que está acontecendo, visto que não é capaz de fazer a leitura das palavras, mas é capaz de fazer a leitura da imagem.

Magda Soares, em seu livro “Alfabetar: toda criança pode aprender a ler e a escrever” (2020), nos diz que a aprendizagem acontece de duas maneiras: a partir de um sistema de significantes e de um sistema de significados. O significante é o som, a palavra; já o significado é o objeto em si, o conceito. Nos apropriamos desses

conceitos sem saber que eles existem ainda lá na infância, quando somos apresentados ao nosso idioma.

Quando começamos a falar, estamos associando uma palavra (significante) a um conceito (significado). Por exemplo, a criança aprende que CADEIRA é o nome que damos ao objeto. Não há nada no objeto que lembre que aquilo é uma CADEIRA, mas ela internaliza e logo usa a palavra sem se confundir. Quando inicia seu processo de alfabetização, a criança é convidada a relembrar essa palavra com a intenção, agora, de aprender quais sons a formam.

Se já possuímos a parte oral da língua, ou seja, se somos capazes de nos comunicarmos e sermos compreendidos, seremos capazes também de contar nossas próprias histórias. A narrativa não mora nos livros, não é feita de letras e de sons, ela nasceu muito antes de o mundo ser da forma como o conhecemos, e ela continua se modificando para continuar existindo.

Soares (2020, p. 44) conta que os primeiros sistemas de escrita datam de antes de Cristo. Quando se começou a pensar sobre a importância do registro, a primeira ideia foi desenhar, de forma mais simples, o significado das palavras. Dessa forma, um círculo significava 10 e um triângulo significava a palavra pão. Essa foi a primeira forma de escrita, mas como lembra Soares (2020, p. 49), se pensarmos sobre nossos dias atuais, ainda usamos algo semelhante para nos comunicar, que é o caso das placas de trânsito e dos emojis usados nas redes sociais. Outros recursos utilizados atualmente são os audiobooks e os podcasts, que nada mais são do que formas de consumir um material informativo sem que seja necessário dedicar grande atenção. Tudo isso é leitura!

Portanto, quando falamos em leitura e escrita devemos nos desprender dos conceitos rasos que dizem que só lê e só escreve quem já é alfabetizado, quem já apropriou a “tecnologia da escrita” que se constitui em: domínio da escrita e da leitura e domínio do sistema de representação (SOARES, 2020, p. 27). A pesquisadora Regina da Silva Lima (2010), em seu trabalho de conclusão de curso, diz que “a literatura é um processo de formação no qual o sujeito lê e interpreta os diversos textos conforme suas particularidades e seus modos de identificação” (p. 12) Essa experiência é única e individual, já que cada leitor lerá de uma forma e terá um entendimento diferente. Essa troca permite que o leitor se desconstrua e se reconstrua constantemente a partir de suas leituras. E, mais do que isso, permite que o leitor seja leitor, independentemente da forma que utiliza para chegar até a leitura.

Sobre a literatura, Candido (2004) diz:

Mas as palavras organizadas são mais do que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa, que nos toca porque obedece a certa ordem. Quando recebemos o impacto de uma obra literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização. Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque a sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu. Em palavras usuais, o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere (p. 178).

A literatura acompanha o ser humano desde os mais longínquos tempos. Crescemos ouvindo histórias, tudo é vinculado a uma história, seja o quadro comprado em um brechó nos anos 80 e que continua na parede da casa dos nossos avós, até a narrativa do dia em que nasceu o primeiro filho dos nossos pais. Todos nós já tivemos os olhos brilhando enquanto ouvíamos uma história contada por nossos pais ou avós e, com certeza, se contássemos novamente uma dessas histórias, ela seria diferente, uma nova narrativa, pois algo se perderia no caminho e outro tanto seria acrescentado para equilibrar a perda.

4.2 LETRAMENTO LITERÁRIO

Na realidade, lemos textos da mesma maneira como vivemos e da mesma forma como sempre vivemos, desde os tempos do bloco de argila, desde os primórdios da compreensão humana. Por isso, uma perspectiva que não valorize as novas linguagens está, de alguma forma, testando hipóteses passadas e de alguma forma já resolvidas em momentos anteriores da existência humana.

(RETTENMAIER, M.; RÖSING, T. M. K., 2011)

Segundo Magda Soares, "Letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita" (2002, p. 18). Letramento, portanto, fala sobre a consequência de ter adquirido a escrita, o que é diferente de ter aprendido a ler e a escrever. Um indivíduo que vive em estado de letramento, lembra Soares em seu texto, é alguém que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica e responde às demandas sociais. Não necessariamente um indivíduo que lê e escreve com total fluência, entendendo as informações dos textos e sabendo interpretá-las.

Simões e Nogaro (2016) pontuam que aprender exige um aparato biológico, prontidão neurocognitiva e estímulos do ambiente. Ou seja, aprender é um processo de construção e reconstrução permanentes, e no que diz respeito às crianças com deficiência, isso é mais complexo ainda, pois o cérebro delas não armazena da mesma forma, com a mesma velocidade, o que torna importante repetir inúmeras vezes o mesmo conteúdo, utilizando abordagens diferentes, exemplos diversos, com a intenção de que essa criança seja capaz de entender utilizando a estratégia que melhor lhe fizer sentido.

Um planejamento de ensino nunca é em linha reta. Pelo contrário, é preciso que retomemos vários assuntos já estudados, a fim de explicar novos conteúdos. Por exemplo, iniciamos ensinando as vogais, mas não podemos nos esquecer delas no resto do ano, pois junto das consoantes, elas formam as sílabas. Uma coisa complementa a outra, e se não reforçarmos o que são as vogais e o som delas, a criança não vai aprender. O processo de ensino-aprendizagem se constrói dessa forma, num eterno ir e vir, voltar algumas páginas do caderno para relembrar o que já foi estudado e ter calma, pois o processo é único para cada indivíduo e não pode ser apressado.

Não é de hoje que se fala sobre a falta do hábito da leitura por parte dos brasileiros. Segundo o Blog Leiturinha, o brasileiro tem uma média anual de 4,96 livros por habitante, sendo que em países desenvolvidos, a média de leitura é de 7 livros anuais. Os motivos para não ler são diversos, mas o principal é a falta do exemplo, já que no ambiente familiar há pouco estímulo, e no ambiente escolar, sabe-se que muitos de nossos professores também não são leitores.

É de consenso geral que o professor é um grande exemplo para os alunos, o que torna imprescindível que nossos docentes sejam leitores, falem de livros, levem livros para a sala de aula, apresentem e explorem esse material tão rico. Muito se faz a partir do exemplo, pois um professor que lê será um excelente contador de histórias, o que instigará a curiosidade de seus alunos.

Lia Scholze (2007) salienta que a leitura e a escrita ajudam as crianças a construir identidade, a ocupar determinado lugar na sociedade e reproduzir esses aprendizados nos textos que constroem, além de aprenderem a fazer escolhas semânticas, lexicais e sintáticas. Mas como trabalhar o letramento literário e a formação leitora em espaços específicos da Educação Especial? Como proporcionar

para essas crianças, que muitas vezes não são alfabetizadas, uma experiência de leitura prazerosa e encantadora?

Ouvir e ler histórias é entrar em um mundo encantador, interessante e curioso que diverte e ensina. É nessa relação lúdica e prazerosa das crianças com a obra literária que se tem a grande possibilidade de formar o leitor. Para tanto, se deve levar em consideração que grande parte das crianças tem o primeiro contato com a literatura quando chega à escola. É justamente nesse momento que o professor pode semear a paixão ou o terror pela literatura, de acordo com as estratégias por ele utilizadas (BARROS, 2013, p. 23 apud SILVEIRA, 2021, p. 33).

A literatura tem um papel muito importante para o campo da Educação Especial. O professor especializado que atua no Atendimento Educacional Especializado pode usar esse recurso de diversas formas no seu dia a dia de sala de aula, explorar os mais diversos materiais, fazer uso do livro físico, de fantoches, de músicas, e outros materiais que ele pode construir ou adquirir. O professor, nesse contexto, é um mediador no contato do aluno com a leitura literária, é ele quem leva o texto para as crianças, ele é a voz dos personagens, e cabe a ele ajudar seus alunos a interpretarem, possibilitando um momento de formação um pouco diferente.

Quando se fala em aluno leitor, não estamos nos referindo apenas a alunos que leem livros com muitas palavras distribuídas em várias páginas. Quando trazemos essa ideia de leitura para uma sala de aula com crianças com deficiência, percebemos que essa imagem de leitura, muitas vezes, não é uma possibilidade, já que muitas crianças não são alfabetizadas.

A partir dessa constatação, qualquer professor ficaria assustado, afinal como fazer nascer nessa criança o gosto pela leitura se ela não sabe ler? O que acabamos esquecendo é que existem diversas formas de leitura, como por exemplo os quadrinhos mudos, que nada mais são que quadrinhos sem escrita, onde a história é entendida a partir da expressão facial e corporal dos personagens. Um exemplo desse tipo de leitura é o livro “Desenhos Invisíveis” (2014) do uruguaio Gervasio Troche, construído apenas com imagens, sem falas, e cada página é capaz de expressar mensagens muito profundas, usando para tal apenas a interpretação de seu leitor.

Somente ao elencarmos esses problemas, podemos buscar soluções para eles. Partindo da máxima de que não se deve excluir temáticas do currículo, mas adaptá-las à realidade dos alunos — pois como já dizia Freire (2011), “formar é muito

mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” (p.16) —, formar é entender essa criança que chega até nós, é atendê-la da melhor forma possível não apenas com a intenção de que saia lendo, que saiba a tabuada, que identifique sem grandes dificuldades quais são os animais selvagens e quais são os animais domésticos. Tudo isso é, sim, de grande valia, mas precisamos ter em mente que estamos formando cidadãos para o mundo, e que além de ensiná-los a viver em sociedade, devemos também ensiná-los a ser seres humanos incríveis.

A leitura é o resultado de uma série de convenções que uma comunidade estabelece para a comunicação entre seus membros e fora dela. Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas (COSSON, 2021, p. 40).

Em “Letramento literário teoria e prática”, Cosson (2021) diz que “ler é bem mais do que seguir uma linha de letras e palavras” (p. 39). Existem muitos processos por trás de uma leitura fluente, processos esses que precisam ser rigorosamente seguidos para que a pessoa que está lendo assimile e entenda o conteúdo, não apenas leia as palavras sem que elas façam sentido no todo.

Uma mesma leitura pode soar de formas diferentes quando lida por duas pessoas que, por exemplo, vivem em diferentes regiões do mundo, possuem diferentes idades, diferentes culturas, entre tantas outras condições que mudam completamente a forma como o texto é recebido e assimilado. A experiência da leitura é sempre singular e individual, pois cada um recebe o que está lendo de uma forma muito particular.

4.3 FORMAÇÃO LEITORA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

A leitura é um dos modos mais eficazes de desafiar as limitações impostas por uma sociedade, sejam elas crenças ultrapassadas, questões sociais ou, até mesmo, ideias cristalizadas no subconsciente humano. É por meio da leitura, principalmente a leitura literária, que se desenvolve a subjetividade dos seres, de modo a permitir que as pessoas construam-se, pensem sobre si, conheçam-se e deem sentido à própria existência.

(PETIT, 2008)

A leitura é algo que empodera, que nos permite ter acesso a novas ideias, a novos conhecimentos. Ler nos leva para lugares incríveis, sem sequer sairmos de nossas casas.

Se voltarmos no tempo e analisarmos a leitura na Antiguidade, perceberemos que o ato de contar histórias é muito antigo, sendo inicialmente feito de forma oral, ao redor de fogueiras, onde contavam-se histórias fantasiosas advindas de momentos simples do dia a dia. O texto escrito era restrito às pessoas da alta sociedade, pessoas com bens materiais, já que não havia muito material disponível para manuseio.

As coisas mudaram muito com a invenção da imprensa, por Gutenberg, no século XV, pois a partir daí pode-se pensar em produção em larga escala, podendo chegar a mais pessoas. Mas mesmo com a invenção da imprensa, os livros eram considerados artigos de luxo, já que boa parte da população sequer sabia ler e escrever.

A ideia de formação leitora está amplamente relacionada aos conceitos de alfabetização e de letramento, pois são eles os responsáveis pelas habilidades necessárias para que um leitor se forme. Pode-se dizer, portanto, que todos esses conceitos se completam, já que a alfabetização ensina o processo de leitura, o letramento ensina a utilizar a linguagem na prática social e ambos levam para a formação de um leitor competente. Se pularmos um desses processos, ou seja, se tentarmos burlar essa ordem, estaremos dificultando e até mesmo atrasando o pleno desenvolvimento desse leitor.

Quando falamos em leitura, não estamos falando apenas da leitura de palavras, porém ainda estamos presos à ideia de que leitura é a decodificação de sinais gráficos, de signos. Estamos lendo não apenas quando decodificamos as letras, entendemos as palavras e assimilamos o que está escrito. A leitura acontece quando o que está escrito faz sentido para quem está lendo, quando há total compreensão.

Já dizia Freire (1989) que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra, e a leitura desta implica a continuidade daquele” (p. 13). Portanto, mesmo que uma pessoa não seja alfabetizada, ela provavelmente saberá ler o visor luminoso do transporte público e identificará que aquele é o seu, ou ela fará essa leitura de outra forma, olhando as pessoas que vão embarcar, prestando atenção se é o mesmo motorista do dia anterior. Enfim, as possibilidades de leitura não estão apenas no texto em si, mas no conjunto que faz com que a compreensão seja atingida.

Se ler não é apenas juntar as consoantes e as vogais. O que, então, é “ser leitor”? E como o professor interfere nessa formação?

Ninguém se torna leitor da noite para o dia, pelo contrário, esse processo é longo e demanda alguns cuidados para que haja, principalmente, interesse da parte do indivíduo. É importante que ofertemos materiais que sejam de assuntos que essa pessoa goste, que exista um motivo para aquela leitura. Isso é comum em todos nós, pois sempre partimos do interesse por algo para só depois tomarmos gosto e mantermos aquele hábito.

O professor que cultiva o hábito da leitura e fala sobre isso para seus alunos está dando o exemplo e incentivando, mesmo que implicitamente. E se além de falar sobre seu gosto pela leitura, sobre o que está lendo, o professor também ler para os alunos, é mais um passo imenso rumo à formação de novos leitores.

Conforme traz o documento Pró-letramento (2008), do Ministério da Educação (MEC):

Aprender a ler não é uma atividade natural, para a qual a criança se capacita sozinha. Entre livros e leitores há importantes mediadores. O mediador mais importante é você, professor(a), figura fundamental na história de cada um dos alunos. A leitura é ferramenta essencial para a prática de seu ofício, por isso você precisa revelar-se um(a) leitor(a) dedicado e uma forte referência para seus aprendizes. Cabe a você o papel de desenvolver no aluno o gosto pela leitura a partir de uma aproximação significativa com os livros (BRASIL, 2008, p. 162).

A leitura é um processo de descoberta, e para que esse caminho desperte o interesse das crianças, é imprescindível que saibamos atraí-las, seja usando temáticas que lhes agradem, seja diversificando nossa forma de contar histórias, para que percebam que ler também é divertido. Freire (1989) nos fala sobre ler o mundo, e essa leitura de mundo é individual, pois ela é construída de uma forma diferente para cada indivíduo. Ela é, basicamente, ler gestos, ler sons, ler expressões, saber apreciar e ler uma pintura. Enfim, são variadas as formas de leituras e é importante que saibamos disso para que não forcemos nossos alunos a serem leitores apenas das palavras, achando que isso é o que conta.

O professor deve ser um estimulador, alguém que ofertará para seus alunos não apenas listas com livros pré-definidos, mas que mostrará quadros, apresentará músicas, trabalhará o lúdico, de forma que esse indivíduo, mesmo que não seja alfabetizado, se sinta pertencente àquele lugar, àquela prática. Boa parte do público-

alvo deste trabalho não é alfabetizado, ou seja, não saberá pegar um livro e ler as palavras. Mas então, por não saber decodificar o que está escrito, devemos privá-los da experiência? De forma alguma! Cabe ao professor flexibilizar essa prática para aproximar, nunca afastar.

Nosso aluno não irá gostar de ler se for obrigado a fazê-lo por algum tipo de cobrança ou sob pena de perder algo, como nota. Nosso aluno só irá achar divertido quando realmente for divertido, quando houver situações que chamem sua atenção. Por isso, a importância de o educador buscar alternativas para as contações de história serem sempre diferentes. As possibilidades são inúmeras e, quando bem exploradas, despertam a curiosidade de todos, adultos e crianças.

5 POSSIBILIDADES DE TRABALHO

São diversas as possibilidades que o professor pode explorar para oferecer um ambiente que chame a atenção de seus alunos para a prática da leitura. Quando falamos em público da Educação Especial, os cuidados precisam ser redobrados, já que a estrutura do ambiente também deve ser pensada para que todos sejam incluídos na contação de história, possibilitando que todos vejam e escutem com clareza a narradora.

Sobre esse posicionar-se para contar a história, as pesquisadoras Souza e Bernardino (2011) dizem que:

A postura corporal do professor/contador sobre o contar sentado ou em pé são escolhas que advêm das características inerentes ao conto e do jeito de ser e funcionar naturalmente o educador. O importante é ter uma postura corporal ereta e equilibrada, com musculatura relaxada, permitindo flexibilidade e expressividade corporal, possibilitando uma linguagem do corpo harmoniosa e, por conseguinte, possibilidades de sintonia com a história a ser narrada. Um corpo flexível favorece utilização de gestos com leveza e naturalidade (SOUZA e BERNARDINO, 2011, p. 245).

O presente capítulo trata de um compilado de atividades que foram selecionadas, pensando nos alunos da Educação Especial. As sugestões foram encontradas nos mais variados materiais que tratam sobre prática leitora. Nada foi encontrado especificamente para a prática leitora em sala de aula de Educação Especial, mas compreende-se que tudo pode ser adaptado para a nossa realidade.

A pesquisa intitulada “Quem conta encanta”, organizada por Tania M. K. Rösing, Eliana Rodrigues Leite e Mateus Mattiello Nickhorn e publicada pela editora UPF, em 2010, fala sobre a prática leitora na escola e traz ideias de como trabalhar esse componente tão importante tanto para o currículo escolar quanto para a vida de cada pessoa. O trabalho trata de várias sugestões de atividades que podem ser desenvolvidas, bem como o passo a passo para que isso aconteça.

A proposta pensada para fazer parte deste compilado está na página 26 e se chama “Histórias em sombras”. A organização para essa proposta é simples. Precisa-se apenas de um pano branco para a projeção das sombras, os fantoches e uma luz que pode ser de uma lanterna. Os pesquisadores usam “Chapeuzinho Amarelo” de

Chico Buarque, mas as possibilidades são infinitas e podem ser moldadas a partir do planejamento da professora, adaptando-se a qualquer conteúdo que esteja sendo trabalhado. Na proposta da contação de histórias com sombras, o professor pode oportunizar aos seus alunos um momento em que eles estejam no controle do teatro e façam as encenações, criem as situações, as falas e, assim, estimulem sua imaginação de forma completa.

É importante lembrarmos que o presente trabalho busca alternativas para o ser leitor na Educação Especial. Essas práticas podem e devem ser exploradas em salas de aula da rede regular também, mas quando falamos em Educação Especial, estamos falando em oportunizar momentos em que tentemos deixar de lado a parte escrita e focar no lúdico, no que vai fazer sentido para aquele público em específico. Isso não minimiza a ideia de literatura, pelo contrário, nos traz a confirmação de que as possibilidades são infinitas e fogem do livro de papel e das letras organizadas em uma sequência que faça sentido.

Tudo pode ser trabalhado a partir da contação de uma história, já que todo conteúdo é moldável e as formas para trabalhar são diversas. Contar histórias é uma forma de assimilação do conteúdo, pois as histórias possuem uma sequência que precisa ser acompanhada para que o ouvinte entenda tudo o que aconteceu. Além disso, no contato com a narrativa, a criança precisará imaginar o que está sendo dito, precisará construir aquelas cenas na sua imaginação, visitando novos lugares, construindo a aparência de um personagem sem se desprender do que está sendo ouvido. Ela precisa utilizar muitos mecanismos para acompanhar a história lida enquanto a produz no seu consciente.

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

A contação de histórias é uma ótima estratégia pedagógica e deve ser explorada pelo docente em sua totalidade. É uma prática muito comum nas turmas de Educação Infantil organizar rodas de leitura onde a professora conta as histórias enquanto os pequenos acompanham tudo com olhinhos curiosos. Essa curiosidade é uma característica do ser humano, é inerente e, portanto, não existe apenas na infância. Somos curiosos por natureza e quanto mais essa curiosidade for instigada,

quanto mais nos depararmos com assuntos que nos interessam, mais iremos querer saber sobre aquilo, mais informações quereremos coletar. E uma excelente forma de coletar informações é através da leitura.

Outra possibilidade de contação de história é usando fantoches. Esse recurso já é muito utilizado pelos professores, mas acaba se perdendo quando falamos de alunos mais velhos. Na Educação Infantil parece fazer mais sentido construir uma contação de histórias com o recurso do fantoche, mas na verdade, em todos os níveis de escolarização o fantoche é um aliado, se bem usado.

É possível construir uma história com a ajuda dos alunos, dando um fantoche para cada aluno e sugerindo que ele, sem conhecimentos prévios, fale um pouco sobre seu personagem. Quem ele é, qual é seu nome, onde ele mora, o que faz da vida. Nesse diálogo, já estamos trabalhando o ser leitor, porque esse indivíduo está fazendo uma leitura do fantoche e está contando, está narrando para os demais o que ele planejou. Essa é uma atividade completa em muitos aspectos e, mesmo sem fazer uso da escrita, essa criança está “escrevendo” uma história.

Antes de existir uma linguagem escrita, os povos primitivos registravam nas paredes das cavernas as suas histórias — são as chamadas pinturas rupestres. Existia um significado para aquilo, mas com o passar do tempo, muito provavelmente aqueles desenhos foram sendo interpretados de outras formas. O que não mudou foi o fato de que os desenhos queriam comunicar alguma coisa, e mesmo depois da criação da escrita, o desenho permanece sendo de grande valia.

Uma criança, antes de aprender a escrever, desenha, e dá sentido ao seu desenho. Mesmo que o que esteja no papel não seja exatamente o que ela está descrevendo, percebe-se que há ali uma tentativa de produzir uma narrativa de explicação. E na vida adulta, as pessoas usam a pintura para fins muito parecidos, que é o de demonstrar seus sentimentos, externalizar o que estão pensando em forma de arte. Dessa forma, percebemos que a ideia do desenho, da imagem, da ilustração, é muito mais delicada e cheia de nuances.

O público-alvo de uma escola de Educação Especial é variado. Dentro de uma sala de aula existirão alunos com diversas dificuldades e potencialidades, e planejar uma aula para um público tão diverso é, por si só, um grande desafio. Para que isso seja possível, devemos nos recordar de flexibilizar o currículo, ou seja, devemos buscar formas de incluir nossos alunos a partir de uma variedade de atividades que tenham o mesmo objetivo, mas que sejam feitas de formas diferentes. Por exemplo,

na hora da contação de histórias, costumamos focar muito em livros que tenham palavras, porque assim o sentido do texto está todo ali, só precisamos ler para nossos alunos. Mas e se construíssemos essa história juntos? Hoje já existem livros apenas com imagens, são os livros ilustrados. Neles podem conter só imagens ou algumas poucas palavras que norteiam a leitura, mas não a definem.

Muito pode ser aferido a partir de uma imagem, e essa é mais uma forma de leitura. Permitir que os alunos façam a leitura do livro à sua maneira, oferecendo para seus ouvintes uma história autoral, possibilita trabalhar a imaginação e o ser leitor, porque naquele momento, a atenção está depositada no que ele está dizendo, e não há regras a serem seguidas. O indivíduo poderá resgatar da sua memória trechos de textos lidos pela professora ou pelos pais e acrescentar a sua parte autoral. Mesmo que não pareça, isso é ser leitor, porque o ler não vive apenas nas letras, o ler vive na nossa imaginação e, como dizia Freire, na leitura de mundo que é tão grandiosa e tão necessária.

O mundo onde os nossos alunos habitam pode ser diferente do nosso, afinal os viveres são diversos e o entendimento sobre as coisas também é. Freire fala sobre leitura de mundo no sentido de que nossas experiências, nosso viver, produzem aprendizados também, e esse aprendizado não pode ser ignorado. Ao contrário, deve ser explorado, pois a partir dele pode vir um diálogo incrível.

O que precisamos é ser educadores atentos, que falam no momento em que precisam, mas que também sabem ouvir quando necessário. Nossos alunos, sejam eles crianças da rede regular ou de uma instituição especializada, tenham 7 ou 50 anos, sejam verbais ou não-verbais, todos querem nos dizer algo. Devemos estar abertos a ouvir, a estar presentes naquele momento, pois todos temos algo a dizer, só precisamos de alguém disposto a nos ouvir.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os melhores trabalhos de pesquisa nascem da inquietação de um profissional quanto a um tema que possui pouco material, e com o trabalho aqui apresentado não foi diferente. Sempre existem dois caminhos a serem seguidos: o primeiro é o mais cômodo, é aquele onde você percebe que existe algo faltante, mas se abstém; e o segundo é o caminho mais desafiador, pois ao constatar um problema, buscará imediatamente uma solução, não uma desculpa.

O que me deixava inquieta, e ainda deixa, é a falácia de que uma pessoa com deficiência não precisa da literatura, afinal muitos nem alfabetizados são. Essa ideia de excluir sob o pretexto de alguém ser incapaz me soa muito desumano e até conveniente, já que se eu ignorar o problema, ele pode passar despercebido, mas também pode ficar maior.

A importância do trabalho aqui construído mora no mostrar que é possível, sim, incluir alunos com deficiência em um planejamento de literatura, flexibilizando o currículo de forma que todos se sintam parte e possam contribuir com seus saberes. Não é justo que a sociedade tire mais isso das PCDs, porque, sim, muito já lhes é tirado no dia a dia. Não tiremos deles também a possibilidade de sonhar, de imaginar e de se expressar abertamente, sem repressão.

Penso que este trabalho vem para clarificar que há, sim, como fazer. É mais trabalhoso, demanda mais tempo, mas se há a possibilidade, devemos correr atrás do fazer. Como educadores, é nosso dever buscar saídas para as questões que não temos resposta pronta, é nosso dever não desistir de um aluno, é nosso dever ver o potencial que existe em cada um.

Ao pesquisador/professor/leitor que chegou até este estudo, espero ter ajudado a nortear seu trabalho ou, pelo menos, espero ter deixado claro que todos nós somos capazes de aprender. Só depende da forma como for ensinado, do amor que é depositado na prática, da paciência e do planejamento.

Lembremos que pequenos passos também são passos, eles fazem avançar, mesmo que não seja um longo caminho. O que para você pode ser uma prática mediana, para seu aluno pode ser a confirmação de que ele está sendo visto, de que suas opiniões e sua voz têm espaço e vez.

Sejamos incentivadores dos nossos alunos!

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione; 2009.

BRASIL. **Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm>. Acesso em: 17 abr. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 15 fev. 2022.

BRASIL. Unicef. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos** (Conferência de Jomtien – 1990). Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

BRASIL. Unicef. **Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência**. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-das-pessoas-com-deficiencia>>. Acesso em: 05 ago. 2022.

BRASIL. Governo do Brasil. **Políticas públicas levam acessibilidade e autonomia para pessoas com deficiência**. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/09/politicas-publicas-levam-acessibilidade-e-autonomia-para-pessoas-com-deficiencia#:~:text=De%20acordo%20com%20dados%20divulgados,24%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20do%20pa%C3%ADs>>. Acesso em: 17 abr. 2022.

BRASIL. EDUCA IBGE. **Conheça o Brasil – População**. Pessoas com deficiência. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>> Acesso em: 17 abr. 2022.

BRASIL. **Pró-Letramento**: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental : alfabetização e linguagem . – ed. rev. e ampl. incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referência/ Secretaria de Educação Básica – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. 364 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6002-fasciculo-port&category_slug=julho-2010-pdf&Itemid=30192>.

BRASIL. **Declaração de Salamanca**. Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. [MEC / SEESP]. Salamanca – Espanha, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 4. ed., reorganizada pelo autor. Duas Cidades | Ouro sobre Azul: São Paulo | Rio de Janeiro, 2004, p. 169-191.

CLUBE DA LEITURA CARUARU, Blog. **Quadrinhos mudos**. Disponível em: <<https://clcaruaru.wordpress.com/2016/08/01/quadrinhos-mudos/>> Acesso em: 19 fev. 2022.

CNN BRASIL. **Brasil tem mais de 17 milhões de pessoas com deficiência, segundo IBGE**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/noticias/brasil-tem-mais-de-17-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia-segundo-ibge/>>. Acesso em: 17 abr. 2022.

COSTA, Margarete Terezinha de Andrade. **Formação docente para a diversidade**. [2. ed] – Curitiba [PR]: IESDE Brasil, 2018.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed., 12ª reimpressão. – São Paulo/SP: Editora Contexto, 2021.

CYRINO, Lucas Antônio de Carvalho. **Navegando na leitura, entre o mundo e a palavra**. Dissertação (Mestrado) - UFRGS, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184934>. Acesso em: 17 jul. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo/SP: Editora Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

GUIMARÃES, Alzineide Costa. **Literatura e educação especial: a formação do escritor/leitor deficiente**. Trabalho de conclusão da graduação – UFMA, Campos de Codó, 2019. Disponível em: <<https://rosario.ufma.br/jspui/handle/123456789/3867>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

HISTÓRIA DO MUNDO. **História da leitura**. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/historia-leitura.htm>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LEITURINHA, Blog. **Você sabe qual é o índice de leitura do Brasil?** Por Nathalia Pontes. Disponível em: <<https://leiturinha.com.br/blog/indice-de-leitura-no-brasil/>> Acesso em: 19 fev. 2022

LIMA, Regina da Silva. **Letramento literário e visual: narrativas orais infantis através da leitura de imagens**. Trabalho de conclusão de graduação – UFRGS, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/25225>> Acesso em: 22 jul. 2022.

MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo. História, deficiência e educação especial. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 15, p. 1-7, 2004.

NUNES, Marília Forgearini. **Leitura mediada pelo livro de imagem no Ensino Fundamental: letramento visual interação e sentido.** Dissertação (mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/87978>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** São Paulo: Editora 34, 2008.

RETTENMAIER, M.; RÖSING, T. M. K. **Questões de leitura.** 2. ed. Editora UPF, Passo Fundo/RS, 2011. Disponível em: <<http://jornadasliterarias.upf.br/upload/files/99a5d15a68416e372ec3e30398970231.pdf#page=51>> Acesso em: 21 ago. 2022.

SARGIANI, R. D. A.; ALBUQUERQUE, A. Análise das estratégias de escrita de crianças pré-escolares em Português do Brasil. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 20, Número 3. Set./dez. de 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/JXCJWxDVGCSS3dsxhy35xLP/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 17 abr. 2022.

SOUSA, L. O. de; BERNARDINO, A. D. A Contação de Histórias como Estratégia Pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Educere et Educare**, [S. l.], v. 6, n. 12, 2011. DOI: 10.17648/educare.v6i12.4643. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643>>. Acesso em: 13 ago. 2022.

SCHOLZE, Lia. Pela não-pedagogização da leitura e da escrita. In: SCHOLZE, L.; RÖSING, T. M. K. **Teorias e práticas de letramento.** Brasília/DF: Inep/MEC, 2007. p.117- p.126.

SCHERER, Larissa Costa Beber. **Se um professor-leitor-viajante: uma experiência em formação de professores no contexto da inclusão escolar.** Dissertação (mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/106495>> Acesso em: 22 jul. 2022.

SILVA, Felipe Pereira da. **O professor leitor e a formação de novos leitores.** Guarabira/PB, 2012. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1730/1/PDF%20-%20Felipe%20Pereira%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

SILVEIRA, Marina Garcia Arrieche da. **A contação de histórias como estratégia pedagógica à alfabetização e ao letramento literário.** Osório [RS], 2021. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1875/_tcc_marina_garcia_arrieche_da_silveira.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 fev. 2022.

SIMÕES, E. M. S.; NOGARO, A. **Neurociência cognitiva para educadores: aprendizagem e prática docente no século XXI.** Curitiba/PR: Editora CRV, 2016

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

TROCHE, Gervasio. **Desenhos Invisíveis**. São Paulo: Editora Lote 42, 2014.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.